



APRESENTAÇÃO

ENTRE A ACOLHIDA E A HOSTILIDADE

*Tudo começa naquela soleira, naquela porta à qual se bate e que vai se abrir para um rosto desconhecido, estranho. Limite entre dois mundos, entre o exterior e o interior, o dentro e o fora, a soleira é etapa decisiva semelhante a uma indicação. É a linha de demarcação de uma intrusão, pois a **hospitalidade** é intrusiva; ela comporta, querendo ou não, uma face de violência, de ruptura, de transgressão...*

Alain Montandon

“Obrigado pela hospitalidade!”. É com essa expressão que iniciamos, neste dossiê, nossa incursão pelo sôfrego e paradisíaco território da escrita lispectoriana, que acolhe, em seus recônditos, personagens cujas trajetórias tornam possível o diálogo entre o familiar e o estrangeiro, entre o semelhante e o diferente, entre o homem e a cultura. Como uma verdadeira anfitriã, exímia conhecedora e praticante das Leis da Hospitalidade, Clarice Lispector abriga memórias provenientes das mais diversas paisagens, dando a cada uma recepção cuidadosa e proba acomodação. Seus escritos se irrompem do solo frutífero da existência, dos campos viçosos da angústia, das aragens sisudas do sofrimento, das regiões caudalosas da subjetividade. Outros, errantes, vêm de terras vastas, opulentas em seus símbolos e imagens, assim como de domínios saborosos e disciplinados, unificados no himeneu entre revelação e recusa.

Os artigos, aqui reunidos, convertem-se em hóspedes que ritualizam a liturgia de uma das vozes mais sedutoras da literatura brasileira, hábil em escancarar os augúrios que vaticinam o saber sobre o *Outro*, diluídos em posicionamentos, reflexões e observações que remetem, de modo bastante particular, aos estratos da condição humana. Os autores e as autoras, alojados(as) neste espaço, cedem-nos, com prudência e acuidade científicas, suas descobertas. Compartilham conosco suas impressões críticas. Revelam-nos suas inquietações e sensibilidades diante do absurdo, do inesperado, do fantástico, do púbere e do antigo. O leitor depara-se com uma coletânea de

vozes hospitaleiras, que o convidam a adentrar no leito *clariceano*, para aí, na alcova do (in)dizível, alimentar-se das profecias que são servidas, cerimonialmente, no diálogo com o texto. Ao bater à porta e adentrar à estalagem, encontrará, nas páginas, o dormitório para noites de pesquisas e averiguações.

Não haveria conhecimento sem hospitalidade, nem hospitalidade sem diferenças. Daí a relevância de uma coletânea que busca captar, mesmo que de modo sutil, o hibridismo de uma poética que desmorona a realidade e faz surgir mundos em constante destruição. Este *Dossiê*, portanto, compõem-se de artefatos singulares (por vezes, mais contíguos do que poderia aparentar à primeira vista), com pontos de vistas plurais, construídos nas sinuosidades da ciência e nos meandros da subjetividade. A fluidez dos textos otimiza a leitura e, por conseguinte, sentimo-nos como se estivéssemos em companhia de amigos, envolvidos em conversas *caseiras* e amistosas. Algumas confabulações, como as de Thiago Cavalcante Jeronimo e as de Numa Ciro, trazem-nos, respectivamente, notícias sobre os equívocos cometidos por Benjamin Moser (em seus posicionamentos bibliográficos sobre a nossa *feiticeira ucraniana*) e a vivacidade do romance *A hora da estrela*, posto como paradigma para se pensar a situação de mulheres reais, em meio às contradições sociais e políticas do contemporâneo. Em nosso século, tal conjuntura vem sofrendo fortes abalos estruturais e ideológicos, que reclamam atos lúcidos de luta e resistência. Nessa esteira de discussão, somos conectados, assim, a mais uma conversa, a um novo circuito dialógico. Doravante, imerso nas elucubrações de Deivity Kássio Correia Cabral, ficamos a par das hostilidades inerentes ao próprio ato de existir, que impele os sujeitos a se (des)personalizarem, a erguerem muros éticos e estéticos, claramente sintonizados, conquanto ocupem lugares distintos. Assim, o cotejo entre Clarice Lispector e Albert Camus reaproxima, a partir da Filosofia, a moral, a solitude e o afeto.

Num turbilhão de intensas experiências, o sujeito moderno parece desconhecer suas atribuições. Esquece sua vocação e chega ao estado de anestesia, a partir do qual passa a gerir o seu compromisso com a (de)formação do outro. Comportamentos mecânicos e brutais irrompem-se, então, como soluções *desesperadas* perante uma realidade assaz complexa e perturbadora,

fruto de uma cultura marcada pela violência, pela deterioração das fronteiras psíquicas, pela distorção de valores. Eis o corolário das reflexões instituídas por Amanda Ramalho de Freitas Brito. Sua travessia pela contística lispectoriana, orientada pelos estudos psicanalíticos, fornece-lhe um quadro preciso da devastação melancólica. Emoções enclausuradas induzem condutas agressivas, abissais, intensamente arrebatadoras... apreendidas e aprendidas num cotidiano indócil, não hospitaleiro. O mundo narrativo de Clarice Lispector confronta-se com uma nova demanda, um novo enquadre artístico, sem preparo algum para lidar com o *inesperado*.

A potencialidade do corpo e o despedaçamento da alma nos conduzem a um outro diálogo, presente nos cômodos deste periódico. Estamos referindo-nos aos estudos delineados por Jhonatan Leal da Costa e pela dupla acadêmica Hermano de França Rodrigues e Fabio Gustavo Romero Simeão. No primeiro *alfarrábio*, dedicado a uma interlocução com a psicanálise de veios freudianos, o leitor confronta-se com questões que problematizam, a partir do manuscrito de Lispector, o fracasso do sexo e os excessos da sexualidade, num movimento *ético de articulação* entre forma e conteúdo, sem julgamentos discriminatórios e com responsabilidade metodológica. Na segunda composição, os autores investigam, com bastante fôlego, as perturbações da inveja, tão presente no calendário sombrio de todas as civilizações e, em certa medida, deveras necessária à sanidade de homens e mulheres. A dinâmica invejosa encontra, na protagonista d'*A legião estrangeira*, o hospedeiro de que necessita para o seu pleno funcionamento. De maneira bem particular, em encontros e desencontros, Clarice, nesse enquadre diegético, alberga os enlaces e desacordos sobre os quais impérios subjetivos se erguem, dos quais derivam batalhas homéricas, pelos quais se luta e com os quais se refugia ou mesmo se revela. A linguagem, usada até a exaustão, permite a existência do *hospitaleiro* e do *hostil*, dando-lhes corpos e significados. A essa propriedade devotam-se discussões críveis, que trafegam, compassadamente, nas avenidas desta crestomatia.

Aliás, as investigações recobrem, também, marcadores cinematográficos. A *imagem* e o *verbo*, como coordenadas trans-semióticas, são amparados e, fortemente declamados, no trabalho de Genilda Azerêdo. A linha de pensamento, aqui, depauperava o reducionismo e (re)atualiza o romance *A hora*

da estrela, ao promover um acoplamento entre o passado e o presente. Esse itinerário ressurgiu, a partir de outros vieses, na discussão proposta por José Vilian Manguera. Nas territorialidades de seu artigo, ficam-se considerações densas que nos convidam ao movimento e à reação. A identidade – objeto de nossas revoltas internas e externas – é conclamada à presença. E, para “dissecá-la”, o autor refugia-se nas linhas lispectorianas, onde os conceitos arcaicos sobre a feminilidade e a masculinidade não encontram estadia. Nesse espaço, regido pelo signo do estranhamento, pela palavra que morre ao ser pronunciada/escrita, florescem novas identidades, embaladas por ritmos frenéticos de um futuro conectado à tradição.

Sem palavra, não há aprendizagem. Estamos subordinados aos seus encantos, dependentes de seus sabores, inebriados por seus sortilégios. Com todos esses predicativos, seria um vitupério não hospedá-la em nossas conversas, em não reservar-lhe um espaço adequado às suas necessidades (ou, na verdade, não estaríamos falando de nossas próprias indigências?). O factível é que surgimos da palavra. Essa sabedoria percorre as pesquisas desenvolvidas por Edilza Maria Medeiros Detmering e Arthur Antonio Santos Beserra (ao seguir os constructos epistemológicos das Teorias da Tradução) e por Vanalucia Soares de Oliveira, em seu roteiro psicanalítico. Ambas, situadas em topos *inusitados*, promove uma mediação entre a escritura clariceana e a construção da inteligibilidade (esta convertida em desejo, em impressões específicas nas enunciações daqueles que falam sobre nós).

Como se pode constatar, este dossiê-empreendimento nos oferta múltiplos olhares sobre múltiplas questões que nos interessam enquanto pesquisadores, cidadãos e seres humanos. É um artefato que, simultaneamente, atrai leitores diferentes e o leitor que anseia por textos diversos. A cineasta e escritora Marguerite Duras, em uma de suas célebres frases, une, apelando para a jocosidade, um conselho e um exemplo: *Caminhais em direção da solidão. Eu, não! Eu tenho os livros*. Na crença popular, conselhos bons são comprados e os exemplos são sempre bem-vindos.

Hermano de França Rodrigues